

“Nós vamos voltar à nossa terra”

Entrevista com *Soraya Misleh* (jornalista palestino-brasileira e participante da Frente em Defesa do Povo Palestino de São Paulo, Brasil).

Soraya esteve na região em maio para fazer atividades de solidariedade e foi impedida de entrar em território palestino pelas forças de ocupação israelense. Ficou alguns dias na Jordânia, onde estava quando se deram as manifestações pelo direito de retorno dos palestinos que enfrentaram a polícia e o exército sionista nas fronteiras no aniversário da NAKBA. Aqui reproduzimos suas impressões sobre o movimento.

Correio Internacional: *Como foi a repressão em sua tentativa de entrada na Palestina?*

Soraya Misleh: Nós éramos um grupo de 4 árabes ou brasileiros de origem árabe, sendo dois palestinos e dois libaneses. Quando tentamos entrar normalmente pela fronteira da Jordânia com a Palestina ocupada, as forças da ocupação israelense nos detiveram, nos interrogaram e trataram-nos como criminosos. Nos isolaram uns dos outros, fizeram pressão psicológica o tempo todo, durante 7 horas fomos separados uns dos outros, se identificaram como do serviço secreto e nos fizeram perguntas absurdas como se “tínhamos armas”, também perguntaram de onde nos conhecíamos, detalhes da vida pessoal de cada um dos outros, etc. Creio que esse tratamento que recebemos é parte da discriminação permanente que sofrem os palestinos e os árabes em geral por parte do estado Estado de Israel. Esse tratamento discriminatório se agrava quando pensamos que são ativistas. A mim perguntaram onde meu pai nasceu, eu disse “perto de Nablus”. Perguntaram por meus parentes, pai, mãe, tios, tias...



A preocupação deles era com o direito de retorno de palestinos e descendentes como eu. Perguntaram “qual era a minha relação com a Nakba”, ou seja, estavam preocupados com a mobilização no dia da Nakba. Perguntaram se havia estado lá antes. E eu disse que sim, no ano passado.

Um de nosso grupo é diabético. Mesmo sendo avisados desse problema, nos mantiveram presos, sem acesso a alimentação por todo esse período. Faziam ameaças a cada um de nós. Diziam “sabemos tudo sobre vocês”, “é melhor não mentir”, etc., ... Insinuaram que havia um espião (“Muhabarat”) que havia denunciado a eles nossa presença.

Foram 7 horas, depois nos dispensaram, era cerca de meia-noite e nos colocaram em um ônibus fechado por mais duas horas até enviar-nos de volta à Jordânia. Sabemos que isso acontece há 63 anos. Temos que denunciar que os que ocupam nosso território ilegalmente perseguem e querem apagar da memória a relação de nosso povo com seu território.

CI: Você teve contato com o movimento que organizou a marcha de 15 de maio (dia da Nakba)?

SM: Sim, é um movimento independente formado principalmente por jovens palestinos. São exilados palestinos que começaram a articular-se a partir de uma

página em rede social da Internet da revolução no Egito. A partir daí, organizaram a comunidade 3ª Intifada, que chegou a ter, segundo eles, a adesão de 350 mil pessoas. Devido a esse sucesso, os sionistas pressionaram até que o servidor derrubou a página. Mesmo assim, eles decidiram manter a proposta de mobilização no dia da Nakba. Primeiramente, pensaram em fazer dentro da Palestina e desde aí pedir o apoio nos outros países. Depois mudaram de orientação e resolveram fazer de fora para dentro, ou seja, desde os países fronteiriços com a Palestina ocupada. E aí resolveram fazer uma marcha pelo direito de retorno no aniversário da Nakba de 1948.

O resultado foi acima do que todos esperavam: nos 4 países que têm fronteiras, houve marchas que enfrentaram a repressão fortemente armada dos israelenses.

Mas não foram somente os sionistas que tentaram impedir a mobilização: também tiveram dificuldades com os governos árabes aliados dos sionistas, que também reprimiram e trataram de evitar que chegassem até as fronteiras.

A surpresa conforme eles foi o Egito. Lá estava marcada uma marcha para a fronteira em Gaza, mas foi necessário transferir para a Praça Tahrir, no Cairo, pois o governo, a junta militar, não autorizou. E impediu o deslocamento até lá.

Na Jordânia, houve um esvaziamento porque o governo dificultou e não permitiu que os ônibus se dirigissem das universidades e mesquitas onde se marcou a concentração para ir até a fronteira. E vários foram desviados no caminho, com violenta repressão das forças policiais e do exército jordaniano. As pessoas gritavam “pacífico”, mas mesmo assim foram reprimidas com violência. Mesmo assim, se conseguiu chegar até as 4 fronteiras e houve então os confrontos com o exército de ocupação israelense.

No Líbano, franco-atiradores israelenses mataram 11 participantes da marcha.

Na Síria, apesar da repressão, com 4 mortos, 5 palestinos cruzaram a fronteira, e um conseguiu entrar sem ser capturado depois.

Os ativistas jovens dizem que pese a todos os problemas, esse movimento teve sucesso e foi o “início da Terceira Intifada”. Dizem que vão continuar se organizando e programar outras manifestações pacíficas e usando todos os meios para retomar a luta e conquistarem a libertação da Palestina.

Eles se inspiraram diretamente na revolu-

ção egípcia, tunisiana, síria. Vão trabalhar sobretudo nos campos de refugiados e fortalecer a causa do Direito de Retorno. Com o estímulo das revoluções árabes, contam superar um desânimo que poderia estar tomando conta pelos anos de espera.

Esperam apoio das comunidades no exterior, como aqui no Brasil. Eles veem como importante o movimento pelo Boicote a produtos e serviços de Israel (BDS). Ainda que achem que pode funcionar mais nos países europeus e não em América Latina.

Eu acho que há que se pressionar fortemente o governo brasileiro para que rompa os acordos comerciais como o do Mercosul com Israel e de aquisição de tecnologia militar. E mesmo relações diplomáticas, ou o que facilita o trânsito entre os países e Israel.

Afinal, como mostrou meu caso, quando brasileiros tentam entrar na Palestina e são indesejados, por serem de origem árabe ou integrantes de movimentos sociais, são criminalizados e discriminados e têm seu acesso proibido.

Cl: *Como os jovens veem os acordos pela unidade Hamas-Al Fatah?*

SM: Eles não estão relacionados com essa questão nem com nenhuma das duas forças e querem ser independentes de todas as forças políticas tradicionais palestinas, são independentes. Eles contaram que os partidos políticos tradicionais não apoiaram sua mobilização. Havia, segundo informaram, inclusive uma organização internacional ligada à ANP que chegou a participar no início, mas foi aconselhada a deixar de participar e assim o fez.

Uma questão importante é que os movimentos de juventude a que eu me referi estão articulados com os movimentos semelhantes em vários países. O apoio da minha organização, Frente em Defesa do Povo Palestino, é parte disso.

O que nos une é a defesa do Direito de Retorno de todos os palestinos. Essa é irrevogável, inalienável e inegociável.

A luta pelo boicote é articulada. As revoluções árabes inspiraram esse movimento de 15 de Maio. Há um vínculo com a revolução egípcia. Os egípcios do movimento têm apoiado a 3ª Intifada, assim como os sírios, libaneses.

A partir da entrada da juventude, a luta passou a ser de massas em todo o mundo árabe.

Quereria finalizar com uma frase que Ben Gurion havia dito referindo-se à Nakba e

que os palestinos estão provando que estava errado. Disse Ben Gurion: “Os velhos morrerão e os jovens esquecerão”. Eu acho que a juventude está provando que ele estava errado.

Antes, os palestinos saíam de sua terra porque pensavam que voltariam logo. Hoje, eles não saem e ficam para lutar, resistem. Mesmo sofrendo uma repressão cada vez mais dura.

Dizem: se destruírem nossas casas, viveremos em uma tenda. Hoje sabem que vai demorar, mas não vão sair mais.

Os jovens do movimento 15 de Maio me comentaram que a grande vitória durante a 2ª Segunda Intifada é que cerca de 700 mil sionistas resolveram deixar da Palestina, já que não tinham vínculo com o tema. Eles é que estão saindo, embora nunca tenha ouvido nenhum palestino afirmar que não conviveria com a população comum que lá está hoje, mas a convivência não é possível com ocupação, com opressão, com humilhação, muros e checkpoints, logicamente. Queremos uma Palestina democrática, com direitos iguais para todos, um estado único e laico.

Quanto a nós que fomos presos, maltratado e impedidos de entrar, só temos uma certeza: vamos voltar, apesar de tudo, da intimidação, da repressão. Nós vamos voltar à nossa terra!

No dia 15 de Maio, o exército sionista assassinou cerca de 20 palestinos que tentavam cruzar as fronteiras.

